

“QUAL A SEXUALIDADE DO SEU CÉREBRO?”

Educação, arma fundamental para a propagação do conhecimento.

Ângelo Moraes da Cruz¹
Luciana Argolo C. Alves²

INTRODUÇÃO

“Qual a sexualidade do seu cérebro?” Pesquisar e desenvolver sobre questões que remetem a esse assunto é de um tanto complicado. Muitos podem não saber a resposta para essa pergunta, ou então precisa de um tempo para que a resposta venha a surgir. Contudo, formação das ideias sexuais e de gênero partem do pressuposto ao qual crianças e jovens estão inseridos. Diversos fatores podem influenciar para construção da personalidade e de como o indivíduo se identifica em sociedade.

A priori, não nascemos com o pensamento voltado para a caracterização de homem e mulher, entretanto, estamos instruídos a fazer coisas extintivas e naturais como, respirar. Através de avaliações baseadas em argumentos adquiridos no Instituto Federal da Bahia (IFBA) - Campus Santo Amaro, com o objetivo de investigar o juízo de educação, gênero e sexualidade no âmbito institucional. Foi delimitado um recorte para a aplicação dessa pesquisa, baseada em adolescentes entre 15 a 18 anos e descobrir se realmente é relevante o ensino pleitear sexualidade e/ou gênero. A justificativa de tais informações, está patenteado nas suposições de autores que legitimam a compreensão desses fatos.

Para erguer e sustentar esse artigo partimos de um horizonte de hipóteses que estejam projetadas em eloquência com as circunstâncias. Iniciamos com algumas críticas, por exemplo, "o por que do dogma de que educação não pode discutir sexualidade e gênero?", e com isso encaramos defesas machistas e científicas, não como uma manifestação natural, mas como resultado da hierarquização cultural do patriarcado.

Em tese, a ciência não é "neutra" ou "pura", é proveniente e estabelecida a partir das negociações e relações que são disseminadas entre diferentes grupos para obter vantagens pessoais, não havendo, portanto, uma "ciência verdadeira" que não esteja pautada em ideologias e interesses políticos, sociais e econômicos. Outros teóricos tem a mesma perspectiva, demonstram que os temas estão interligados e fundamentam suas teorias em vivências e análises próprias. Logo, os resultados apresentados na análise de campo, está intrinsecamente ligado ao panorama que é exposto.

METODOLOGIA

Com toda a complexidade e polêmica do assunto, se fez necessário uma pesquisa de campo, estruturada sobre as mazelas e incertezas do colégio, cujo, eu faço parte. Induzida pelas opiniões e posicionamentos do corpo docente, pedagógico e psicológico da instituição, buscando compreender o fundamento e o porque de gerar tantos conflitos.

¹ Aluno Técnico do Curso de Tecnologia da informação do Instituto Federal - BA, angelomoraes0405@gmail.com;

² Professor Orientador: Mestre em Ciência de Alimentos e professora do Instituto Federal – BA, (83) 3322.3222
luciana_correia@ifba.edu

Foi levantado um questionário, ao qual possui três perguntas que se fizeram essenciais para fomentar essa pesquisa. Somando a isso, e sob perspectivas da autora Guacira Lopes (Doutora em Educação, professora aposentada da UFRS, e escritora de livros que debatem o mesmo tema). A mesma expõe sobre esse ponto em seu livro "Educação, gênero e sexualidade: uma perspectiva pré-estruturalista", por meio dele foi possível dar continuidade ao conteúdo envolvido, contendo esse embasamento teórico. Ademais, o quadro que se obteve mediante a todo esse processo foi bastante satisfatório e de grande valor intelectual.

DESENVOLVIMENTO

Desde o começo, a escola exerceu e ainda continua com suas ações distintivas. Ela separou sujeitos, com múltiplos mecanismos de ordenamento. Os espaços educacionais delimitam, mais do que deveriam a personalidade e ações naturais de meninos e meninas, rapazes e moças. O processo de "fabricação" de sujeitos se propaga de forma sutil e quase imperceptível. Afinal, é "normal" aceitar que haja separação entre os sexos durante trabalhos em grupo ou filas? E de se esperar diferentes aptidões de acordo com o sexo? Já que caminhamos dessa forma, deveríamos então avaliar esses pupilos de forma diferente? Segundo Guacira Lopes, "se partimos da perspectiva de que a sexualidade é algo "natural", "ficar sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído" (LOURO, 1999, p.11)

Uma das autoras que também teve material consultado, foi, Bell Hooks escritora negra e insurgente, que em sua obra "Ensinando a transgredir", descreve sobre um novo tipo de educação, uma educação com prática de liberdade. Para a autora, ensinar os alunos a "transgredir" as barreiras sexuais, raciais e de classe a fim de obter a liberdade deve ser o objetivo mais considerável do professor. Bell Hooks diz, "a educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender".

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi constatado que é papel da escola discutir sobre assuntos referentes a sexualidade. Está claro que não é de hoje que escritores(as) e pedagogas conversam sobre como e explicito a falta de intimidade e apropriação de determinados tópicos. Com todas as informações coletadas é essencial atenuar conversações. Disciplinas ou temas como gênero/sexualidade deveriam estar introduzidos nos currículos e grades, provocando discussões de influência social, tirando suas dúvidas e angústias. Se deve falar sobre as inquietações e repensar os espaços para recreação, onde não haja separações, apesar do crescimento da flexibilização em muitas esferas. Percebeu-se com tudo isso que os adultos temem borrar as fronteiras de gênero. Para eles, isso pode interferir diretamente na sociedade, toda via, se faz necessário, projetos presentes para a desconstrução de ideologias machistas e preconceituosas. Weeks assegura,

"O corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar. Por que outra razão estamos tão preocupados em saber se os desejos sexuais, sejam héteros ou homossexuais, são inatos ou adquiridos? Por que outra razão estamos tão preocupados em saber se o comportamento genérico corresponde aos atributos físicos?"

Apenas porque tudo o mais é tão incerto que precisamos do julgamento que, aparentemente, nossos corpos pronunciam” (Weeks, 1995, p.90-91).

Os métodos utilizados demonstram perspicácia e resultados equiparados os que foram consultados. Muitos jovens e adolescentes ainda estão em processo de aceitação, sobre o que são e para além disso,

Deborah Britzman (1996, p. 74) afirma:

“Nenhuma identidade sexual — mesmo a mais normativa — é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada (grifos da autora).” BRITZMAN (1996, p. 74).

A citação acima, assim como o que foi descoberto, repercutem no mesmo espaço, palavras proferidas por aqueles que temos como referência induz o sujeito a uma construção da sua identidade sexual. Isso não significa que essa “construção” não seja volúvel. Ou seja, personalidade é uma estruturação individual e que se deve ser feita sozinho, por meios próprios.

A precariedade do sistema de políticas públicas não garante a liberdade de expressão. A sociedade está em constantes e significativas mudanças, as escolas não podem se manter em um regime conservador e autoritário. A formação pedagógica também possui suas defasagens, durante a preparação dos docentes, não se pensa em aplicar requisitos que possam estruturar conteúdos essenciais para se pensar em violência sexual e de gênero. Desse modo, a escola, inclusive, deve ser um dos palcos para a realização de discursos, proteção e cuidado. A escassez de argumentações e posicionamento escolar pode trazer déficits consideráveis a futuras gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A privatização de conhecimentos que se parecem obsoletos e podem passar despercebidos sem nenhuma consequência imediata é o mais arriscados entre eles. As brechas que vem se postergando ao longo do tempo ainda causar o efeito de muitas evasões escolares. As identidades de gênero se caracterizam a partir da vivência de sua sexualidade. Se acentua como assunto de grandes discussões o termo "gênero", diversas propostas tem como objetivo intervir no processo de agrupamento humano, sobretudo em ambientes educacionais. Homens e mulheres não são formulados a partir de repressão, mas através de estímulos e relações que induzam o modo de ser ou está, dessa forma, estabelece condutas mais apropriadas. Nas palavras de Foucault, "lá onde há poder, há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder". A resistência seria inerente ao exercício do poder. Foucault (1988, p. 91).

A ideia que se é forjada do pressuposto em que se deve representar separadamente a ideia de masculino e feminino, força, usualmente a prática de discriminação e subserviência. O ambiente de aprendizado que recebemos de legado ao longo dos anos já se apropria de

distinções entre os grupos, como por exemplo se faz divergente para ricos e pobres. Novas propostas de educação foram sendo agregadas de forma latente para abonar e projetar assimetria entre os sujeitos. Bell Hooks, em sua obra, diz, que educar com práticas de liberdade implica em: “questionar as parciais que reforçam os sistemas de dominação (como o racismo e o sexismo) e ao mesmo tempo proporcionam novas maneiras de dar aulas a grupos diversificados de alunos.” (HOOKS, 2017, p. 20)

A sala de aula, deve ser construída com a legítima e única voz que pode romper barreiras e perdurar o conhecimento. É o professor(a), ou para resultados mais específicos e igualdade de gênero, vozes múltiplas que perpassam o saber, mostrando por meio de diálogo que todos tem a capacidade de ouvir e expressar aquilo que toma como verdade demonstrando diferentes perspectivas sobre os saberes.

Palavras-chave: Educação, Gênero, Sexualidade, Sociedade.

REFERÊNCIAS

<https://pedagogiaaopedaletra.com/resenha-genero-sexualidade-educacao/> acessado em: 31 de agosto de 2019 às 21h14;

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 1. ed. São Paulo: Vozes, 1997.

HOOKS, Bell (1994). Ensinando a Transgredir - A Educação Como Prática da Liberdade. Nova York/Londres.

BRITZMAN, Deborah P. “O que é essa coisa chamada amor? Identidade homossexual, educação e currículo” Educação e Realidade dezembro de 1995. P. 185 – 206.